



## ENCARTE DO PROFESSOR

### CASO: TETRADRACMAS DOS TIRANOS DE SIRACUSA

#### 1. Introdução

A partir do século VIII A.E.C. e nos primeiros estágios da formação da cidade, o mundo político grego exibiu uma paisagem constitucional muito variada. Por exemplo, existem constituições de elite francamente de vários tipos. Em alguns lugares, as famílias detinham o poder governante: os Baquíades governaram em Corinto até o século sétimo, e os Aleuadae pareciam ter predominado na Tessália. Em outro lugar, encontramos conselhos de "anciãos" (em Atenas, o Areópago era um conselho de ex-arcontes, que pode ter sido limitado a pessoas com mais de trinta anos de idade: cf. Constituição dos Atenienses 4.3), e a *gerousia* (os "anciãos") era uma parte fundamental da constituição espartana desde uma data anterior. No entanto, havia também outros tipos de regime. Havia governantes em algumas cidades, que eram nomeados ou eleitos (como Pitaco no século VII, Mitilene), ou em alguns lugares eles simplesmente emergiram da competição de elite, como fez Pisístrato em Atenas.

Os governos populares também começaram a surgir no século VI A.E.C. Um dos primeiros pode ter sido em Cirene, substituindo uma monarquia hereditária, embora o governo popular revertido à força para o governo de um homem novamente logo depois, antes que a dinastia fosse finalmente expulsa na década de 460. A forma mais famosa de governo popular, no entanto, foi o regime ateniense, que parecia ter cunhado o nome de *demokratia* provavelmente no final dos anos 460, por volta da época das reformas de Efialtes (nos Suplementos de Ésquilo do final da década de 460, diz-se que a assembléia argiva governar 'pela mão do povo': *demou kratousa cheir* [604]).

Mesmo antes disso (possivelmente no início da década de 480 após a vitória ateniense em Maratona sobre os exilados Hípias e os persas), os atenienses pareciam ter adotado e desenvolvido outra ideia, a do "tirano", e começaram a definir seu regime emergente por meio oposição à "tirania", um tropo político que permaneceu importante para a autodefinição democrática ateniense ao longo do século V e até o V, e o discurso do "tirano", o governante que governou inconstitucionalmente, foi inventado.

Na origem, um "tirano" (provavelmente uma palavra emprestada da Lídia) era simplesmente um nome alternativo para um governante. A elite nas cidades gregas às vezes era ambivalente quanto aos governantes únicos e às vezes hostil porque, quando surgiam, era frequentemente porque competiam com outras elites. Píndaro, segunda pítica (86-8) datando de cerca de 477/6, em uma versão inicial das "três constituições", familiar do Debate da Constituição de Heródoto (3.80-3), refere-se ao governo do tirano, o "sábio", e o 'exército



turbulento', onde o tirano é usado em um sentido neutro. No entanto, já no final do século VI, Xenófanes, um poeta de Colofonte, descreveu o governo dos persas na Ásia Menor como "tirania odiosa" (DK 22 B 3).

Os atenienses tinham uma história de resistência ao governo de um homem (embora o governo de Pisístrato pareça ter sido popular), e no início dos anos 480 em Atenas, o rótulo de "tirano" tinha conotações negativas definidas. É provavelmente nessa época que os atenienses começaram a se lembrar dos assassinos de Hiparco, filho de Pisístrato, como "matadores de tirano", estabeleceram o grupo de estátuas original de Harmódio e Aristogeiton na ágora de Atenas, e possivelmente também lhes ofereceram culto. O tirano inconstitucional e escravizador tornou-se um meio de definir o regime ateniense.

Essa ideia de uma forma negativa de governo foi adotada e desenvolvida em outras partes do mundo grego. A ideia de governantes "bons" e "maus" já é aparente em Homero e Hesíodo, mas foi possivelmente no início do século V que encontramos um dos primeiros exemplos do "tirano perverso", Phalaris de Acragas, que ao longo da antiguidade e no período medieval tornou-se conhecido como o proverbial governante perverso. Os históricos Phalaris governaram Acragas em meados do século VI, mas no início do século V tornou-se sinônimo de crueldade (real ou inventada) por supostamente queimar seus inimigos vivos em um touro de bronze. Se este evento é histórico ou não é desconhecido, mas tem sido sugerido que a história provavelmente serviu bem a Theron de Acragas no início do século V como meio de demonstrar sua própria "boa realeza" em oposição à "realeza perversa" de seu antecessor. Em sua primeira pítica datada de 470, em louvor a Hieron de Siracusa, Píndaro celebra o governo bom e justo de Hieron, mas acrescenta nas linhas finais da ode o conto preventivo de Phalaris, um rei que não foi bem lembrado.

## 2. Os Deinomênidas na Sicília

Os Deinomênidas foram uma dinastia que estabeleceu o controle de grande parte do leste da Sicília na primeira metade do século V A.E.C. Descendendo dos colonos originais da Gela siciliana e detentores do sacerdócio tradicional de Deméter e Perséfone (as divindades mais importantes da ilha), os irmãos Deinomênidas (eram quatro) estabeleceram-se pela primeira vez em Gela, antes de assumir o controle de Siracusa e da Sicília oriental.

A própria Gela fora estabelecida como centro político por dois outros irmãos, Cleandro e Hipócrates, filhos do vencedor olímpico Pantares. Gelon, o irmão mais velho da família Deinomenda, foi comandante de cavalaria no exército de Hipócrates e conseguiu governar depois que Hipócrates foi morto em batalha em 491 A.E.C. (Cleandro havia morrido algum tempo antes; a principal fonte para esses primeiros anos é Hdt . 7.154-6). Gelon rapidamente se afirmou e reforçou sua posição com uma vitória olímpica na corrida de carruagem de quatro cavalos (a quadriga) em 488. As vitórias da carruagem indicavam riqueza e poder e eram uma estratégia comum usada pelos governantes para afirmar seu direito de governar e legitimar seu poder.



O antecessor de Gelon, Hipócrates, teve grande sucesso militar contra seus vizinhos, mas não foi capaz de tomar Siracusa. Gelon, no entanto, tirou vantagem de uma guerra civil em Siracusa para apoiar os *gamoroi* (os "proprietários de terras") contra o povo comum, com o resultado de que os *gamoroi* entregaram Siracusa ao seu controle.

Gelon, então, mudou sua corte para Siracusa e deu Gela para seu irmão Hieron governar. Gelon também começou a aumentar o tamanho de Siracusa por meio da imigração forçada, que ele equilibrou com a recompensa da cidadania, deslocando toda a população da cidade de Camerina e metade dos cidadãos de Gela, e dando a eles todos os direitos de cidadão em Siracusa. Ele, então, sitiou os megarenses e, quando eles se renderam a ele, ele trouxe os ricos (os *pachees*) para Siracusa e deu-lhes direitos de cidadão. Heródoto diz que os demos dos megarenses, os não-elitistas, foram escravizados e vendidos no exterior, e ele fez o mesmo com a população da Eubeia siciliana, embora tenha sido sugerido que pelo menos alguns deles foram provavelmente deixados na terra para trabalhá-lo a fim de evitar perturbações econômicas. Em qualquer caso, esses deslocamentos forçados de grupos populacionais visavam claramente trazer a elite para o lado e suprimir os insatisfeitos.

De fato, o governo de Gelon foi muito popular, principalmente depois que ele apoiou seu aliado Theron de Acragas contra os cartagineses e obteve uma vitória surpreendente em Himara em 480. Ele também emitiu uma série de moedas que se identificava intimamente com a elite de Siracusa enquanto ao mesmo tempo fazia uma referência à sua vitória olímpica em 488. A série é semelhante à cunhagem de Siracusa pré-Gelon (datada por Rutter em cerca de 490), que tinha uma quadriga no anverso (que deve ser uma referência aos interesses da elite dos *gamoroi*) e um retrato da ninfa Aretusa, a ninfa associada à fundação de Siracusa, situado dentro de um quadrado de incluso (que foi produzido como tetradracmas e didracmas). Uma inscrição no anverso dá o nome dos cidadãos (SYRAKOSION ou SYRA) como o órgão emissor.

A nova emissão de moedas de Gelon, no entanto, ampliou a cabeça de Aretusa no reverso, transformou o quadrado em golfinhos e inscreveu o nome 'SYRAKUSION'. No verso, ele manteve a quadriga, mas acrescentou uma pequena figura da *Niké*, a deusa da vitória, que é geralmente aceita se referindo ao seu sucesso nos Jogos Olímpicos em 488 (que antecedeu sua aquisição de Siracusa). Além dos tetradracmas e dos didracmas (os tetradracmas tinham quatro cavalos, os didracmas tinham dois), a edição também continha um óbolo que tinha Aretusa no reverso e uma roda de quatro raios no anverso, referente às denominações maiores. A implicação desta série é clara. O governo de Gelon foi autorizado por Aretusa, mas legitimado por sua vitória olímpica. No entanto, a vitória em si também foi autorizada por sua identificação com a elite de Siracusa, e os próprios siracusanos foram nomeados como os emissores das moedas. Gelon governou em harmonia com os siracusanos. Gelon morreu em 478 A.E.C. e foi sucedido em Siracusa por seu irmão mais novo, Hieron, que Gelon havia instalado como governante de Gela. É possível (talvez até provável) que um terceiro irmão, Polizalo, tenha se tornado governante em Gela. No entanto, houve problemas



com a sucessão em Siracusa porque Polizalo era muito popular. Ele provavelmente obteve a vitória de uma carruagem em Delfos em 478 (o ano da morte de Gelon) e possivelmente fez uma dedicação do famoso cocheiro de Delfos (*F. Delphes* iii.4.452). Hieron parece ter visto Polizalo como uma ameaça e fez uma tentativa de se livrar dele. Polizalo fugiu para Theron. Em qualquer caso, nunca mais se ouviu falar dele.

Hieron, apesar - ou talvez por causa - do início incerto em Siracusa, fez grandes esforços para solidificar sua posição. Ele assumiu o sacerdócio da família que havia sido detido por Gelon e provavelmente esteve envolvido na construção de templos (talvez incluindo o templo de Atenas, que foi incorporado à catedral do século 7 DC em Siracusa). Em 474, ele teve uma vitória militar significativa contra os etruscos, quando enviou ajuda à cidade de Cyme, para a qual fez dedicatórias de armadura em Olympia (Osborne e Rodes 101).

Hieron também foi vitorioso em vários jogos pan-helênicos, que foram celebrados na poesia epínica: a corrida de cavalos em Olympia em 476 (Píndaro, *Olímpicas* 1; Baquílides. Ode 5) e em 472, a corrida de bigas nos jogos de Pítia em 470 (Píndaro, *Pítica* 1; Baquílides. 4), e em Olympia em 468 (Baquílides 3). Na Ode Olímpica 1 (celebrando a vitória na corrida de cavalos única de 476), Píndaro diz que o rei amante de cavalos, Hieron, "ganha os picos de toda excelência" (13). Na Primeira Ode Pítica (escrita em celebração à vitória da carruagem de 470), Píndaro elogia Hieron por libertar a Hélade da "profunda escravidão" dos cartagineses, por um lado (com Gelon em Hera) e, por outro lado, pela própria vitória de Hieron sobre os etruscos em Cyme.

Um momento decisivo na carreira de Hieron foi a fundação da cidade de Etna. Essa fundação foi marcada na Primeira Ode Pítica de Píndaro, que também celebrou a vitória de sua carruagem em 470 em Delfos. A cidade foi criada promovendo o enraizamento do povo de Catana e Naxos e enviando-os para Leontini e reassentando Catana com 10.000 de seus apoiadores. Diodoro diz que mudou o nome da cidade para Aetna (Díodo 11.49.1-2; Píndaro, *Pít.* 1.29-33, 60-5), e seu filho Deinomenes foi dado a ela para governar (Píndaro, *Pít.* 1.58, 60-1), apoiado por outro colaborador Deinomênida, o vencedor pan-helênico e herói de guerra, Chromio (Pind., *Nem.* 1, 9). A fundação de Etna foi celebrada com pinturas em vasos retratando mitos relacionados à fundação e poemas de Simônides, Píndaro e Báquílides, e uma peça, *Etnenses*, do trágico ateniense Ésquilo (*Vit. Aesch.* 9) (isso em 476). Ele também emitiu duas séries de moedas, ambas com Zeus sentado no reverso, e uma delas obviamente Zeus Olímpico, e no reverso uma tem Silenus e a outra uma quadriga com a Nike (como a série anterior), mas desta vez com Atena como cocheiro (inscrito ΑΙΤΝΑΙΟΝ).

No entanto, os anos 470 e 460 foram tempos difíceis para governantes solteiros, que estavam sendo desafiados por outros setores da comunidade. Como vimos, não apenas a democracia em Atenas estava desenvolvendo uma retórica perigosa que definia sua constituição pela oposição ao regime de um homem só, mas também outros governantes contemporâneos estavam sob pressão. Cirene, como observado acima, teve um governo popular no século VI por um curto período, limitando significativamente os poderes do rei



Battus III. Embora tenham sido recuperados no governo de seu filho Arcesilas III e confirmados por um exército persa, na época do bisneto de Battus, Arcesilas IV, na década de 460, a monarquia tornou-se instável novamente, e a dinastia (que sobreviveu até oito gerações) chegou ao fim.

O governo de Hieron em Siracusa também enfrentou dificuldades. Ele não era popular como Gelon tinha sido e parece ter negligenciado a conexão com a elite de Siracusa promovida por seu irmão, mas procurou causar um impacto no mundo grego mais amplo. Diodoro diz que Hieron não tinha o mesmo relacionamento com os Siracusanos que Gelon tinha, mas era ganancioso e violento (Diodo 11.67.3-4), e que os Siracusanos só se contiveram durante a vida de Hieron em respeito a Gelon. Aristóteles diz que, como meio de controle, Hieron tinha uma polícia secreta que participava de reuniões e eventos públicos (Pol. 5, 1313b12-16); se isso era verdade ou não, mostra como sua regra foi lembrada.

Hieron morreu em 466. Thrasiboulo, outro irmão, só governou por 10 meses após a morte de Hieron, após ser despejado pelos siracusanos. Após a morte de Hieron, os catanianos, que viveram no que havia se tornado Etna, voltaram para lá (expulsando os etnenses, que se mudaram para Inessa) e demoliram seu túmulo (Estrabão 6.2.3).

### 3. Gelon e Hieron e suas cunhagens

Como Phalaris de Acragas, Hieron era lembrado como um rei mau, um "tirano". Diodoro diz que os Siracusanos chamaram seu novo regime de democracia e estabeleceram um culto a Zeus Eleutherius, Zeus da Liberdade (Díodo 11.72.2). No entanto, esses revolucionários eram de fato aqueles que podiam reivindicar ser "cidadãos originais" (*archaioi politai*) (Diodo. 11.72.3, 76.5), então provavelmente ninguém menos que os *gamoroi* ou seus descendentes que Gelon usara como centro de sua rede de energia. Embora eles possam ter chamado de democracia (e Tucídides diria mais tarde, para seus próprios propósitos, que era uma democracia do mesmo tipo que a democracia ateniense: 7.33.2), Aristóteles no século IV que neste século V regime de Siracusa não se tornou uma democracia até depois da derrota dos atenienses no final do século (Política 5, 1304a27-9; cf. 5, 1316a32-3), e há outras razões para pensar que isso não foi um regime do tipo ateniense, por mais que os siracusanos quisessem apresentá-lo.

No entanto, a consideração das moedas dos dois governantes de Siracusa do início do século V A.E.C. nos diz muito sobre as "biografias" de Gelon e Hieron. Como lembramos, as "biografias" reais estavam preocupadas com a história que os governantes queriam contar sobre suas vidas e seu governo. Para Gelon, sua cunhagem o mostra como um vencedor nos jogos, mas também se associa intimamente à tradição de Siracusa, já que suas moedas trazem a quadriga da cunhagem pré-Gelon, mas agora personalizada com a figura da *Niké* e a cabeça de Aretusa, a ninfa associada à fundação de Siracusa. Hieron, por outro lado, com suas novas emissões de moedas marcando a fundação da Etna, estava ansioso para se destacar. Um Zeus



entronizado estava no reverso com o raio e a águia. Como na primeira Ode Pítica de Píndaro, Hieron deseja associar-se aos olímpicos (e à Grécia continental), assim como também faz de Atenas seu cocheiro.

- **Bibliografia básica da linha do tempo digital:**

- BILIĆ, T. The Myth of Alpheus and Arethusa and Open-Sea Voyages on the Mediterranean-Stellar Navigation in Antiquity. *International Journal of Nautical Archaeology*, 38 (1), 2019, pp. 116–132.
- FISCHER-BOSSET, W. The Coinage of Sicily. In: METCALF, W.E. (Ed.) *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 142-157.
- MITCHELL, L. *The Heroic Rulers of Archaic and Classical Greece*. London: Bloomsbury, 2013.
- MOTTA, R.M. Myths, Coins, and Semiotics: Arethusa and Persephone on the Coins of Syracuse. In: REID, H. L.; TANASI, D. (Eds.). *Philosopher Kings and Tragic Heroes: Essays on Images and Ideas from Western Greece*. Parnassos Press - Fonte Aretusa, 2016, pp. 371–86.
- LAUWERS, C. L'importance de Syracuse aux VIème et Vème siècles avant notre ère jaugée sur la production et la circulation de son monnayage. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, Master dissertation, 2011.
- LEWIS, V.M. Two Sides of the Same Coin: The Ideology of Gelon's Innovative Syracusan Tetradrachm. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 59(2), 2019, pp. 179–201.
- RUTTER, N. K. *The Greek coinages of southern Italy and Sicily*. London: Spink, 1997.
- RUTTER, N. K. Os gregos da Sicília – a Numismática e a História. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 21, p. 345, 9 dez. 2011.
- VICKERS, M. Early Greek Coinage, a Reassessment. *The Numismatic Chronicle*, 145, 1985, pp. 1-44.

- **Documentação utilizada na linha do tempo digital:**

- Andocides. *On the Peace*, section 30. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Aristotle. *Rhetoric*, book 1, chapter 12. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Bacchylides. *Epinicians*, Ode 3 For Hieron of Syracuse Chariot-Race at Olympia 468 B.C. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Diodorus Siculus. *Library*, Fragments of Book 10, Chapter 29. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Herodotus. *The Histories*, Book 7, chapter 145. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Pindar. *Odes*. *Olympian*, Olympian 1 For Hieron of Syracuse Single Horse Race 476 B.C. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Pindar. *Odes*. *Pythian*, 1-3. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>
- Thucydides. *History of the Peloponnesian War*, THE SIXTH BOOK, chapter 2. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu>